

Projeto Povos Indígenas: Trabalhando a Figura do Índio no Ensino Básico para Além dos Estereótipos¹

Iasmin Araújo Bandeira MENDES²
Lígia Beatriz Carvalho de ALMEIDA³
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: Este artigo destaca o resultado do curso *Povos Indígenas* desenvolvido em uma escola pública na cidade de Campina Grande – PB. O curso teve como objetivo despertar a consciência crítica dos participantes acerca da realidade dos povos indígenas brasileiros na contemporaneidade. Dessa maneira, pretendeu-se fomentar o afastamento das celebrações estereotipadas comuns nas instituições do ensino básico, características do dia do Índio. O protagonismo e a percepção crítica dos pré-adolescentes foram pressupostos primordiais no planejamento e desenvolvimento das atividades do curso, para isto, colocou-se em prática conceitos de educomunicação. O curso resultou na produção de um vídeo feito pelos educandos, que foi exibido no evento de final de ano da escola. A pesquisa, porém, não foi concluída, pois compreende-se que até então foi possível explorar apenas a realidade de uma escola específica, com público-alvo homogêneo.

Palavras-chave: Educomunicação; Ensino Básico; Povos Indígenas; Estereótipos.

1. Introdução

A BNCC (Base Nacional Curricular Comum) prevê o ensino sobre povos indígenas (e africanos) em todos os níveis da educação básica. Segundo a lei 11.645, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2011).

Ao longo do documento da BNCC, ratifica-se o conteúdo desta lei. a) “Assim, é imprescindível que os alunos identifiquem a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e dos demais povos e comunidades tradicionais para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades.” (BRASIL, 2016, p. 366); b) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses

¹ Trabalho apresentado na IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduanda em Educomunicação na Universidade Federal de Campina Grande; e-mail: iasminabmendes@gmail.com

³ Professora doutora de Educomunicação na Universidade Federal de Campina Grande; e-mail: ligiabria@gmail.com

territórios. (BRASIL, 2016, p. 375); c) “Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas” (BRASIL, 2016, p. 429) e d) “As pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional” (BRASIL, 2017, p. 430).

Na prática, porém, este estudo é feito de forma superficial e pautado em diversos estereótipos sobre os povos indígenas. A inquietação gerada por este fato permitiu o desenvolvimento da presente pesquisa, que foi desenvolvida concomitantemente com um curso sobre povos indígenas para crianças estudantes dos 6º aos 9º anos, cujo objetivo foi desenvolver a consciência crítica de crianças e jovens no que concerne a naturalização e a reprodução de tais estereótipos.

O local selecionada para a aplicação da intervenção foi a escola pública CEAI dr. João Pereira de Assis, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Apesar de ser uma instituição educativa, as escolas têm contribuído, a partir de suas práticas cristalizadas, para o estereótipo da raça e culturas indígenas.

2. Culturas e suas nuances

Segundo Almeida et al (2009, p. 22) a cultura é um “fenômeno unicamente humano, que se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia”. Cada cultura vê e lida com o mundo e com sua sociedade de uma forma diferente, indo “além de um sistema de costumes” (ALMEIDA, 2009, p. 22).

Quando duas culturas diferentes se chocam, elas têm que interagir de alguma forma. Historicamente, se percebe que ao entrar em contato com uma cultura diferente da sua, é causado no indivíduo certo estranhamento. Cada sujeito tende a categorizar as atitudes alheias enquanto “certas”, “erradas”, “normais” ou “esquisitas” a partir de um critério particular de sua própria cultura. A isto é chamado de etnocentrismo. (ALMEIDA, 2009, p. 24).

A partir do etnocentrismo, se constrói estereótipos das culturas alheias. “Os estereótipos são uma maneira de ‘biologizar’ as características de um grupo, isto é,

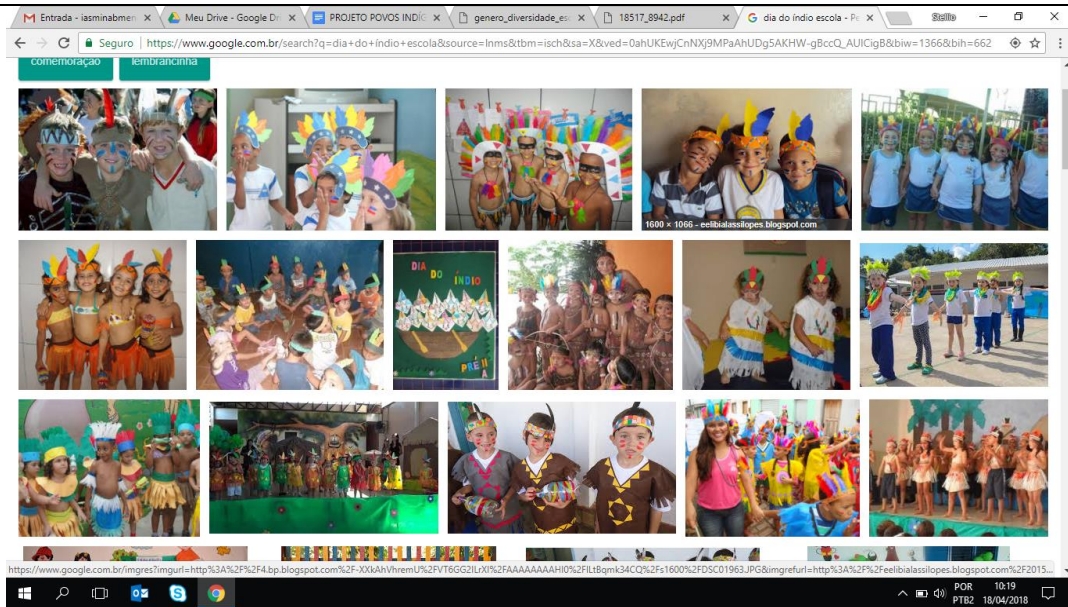
considerá-las como fruto exclusivo da biologia, da anatomia” (ALMEIDA, 2009, p.25). Estes estereótipos ao serem compartilhados propagam preconceito e impede o conhecimento de uma cultura sobre a outra. Segundo Habermas (1983, p. 22) “ninguém pode se edificar a sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem dele”, o que significa que os pontos de vistas preconceituosos sobre uma cultura pode impactar inclusive a identidade desta. Para Taylor (1994), “a projeção sobre o outro de uma imagem inferior ou humilhante pode deformar e oprimir até o ponto em que essa imagem seja internalizada”.

Desta forma, a estereotipação de um determinado grupo acaba por torná-lo marginalizado da sociedade. Foi o que aconteceu ao longo dos anos com os povos indígenas no Brasil.

3. A figura do índio nas escolas e a reprodução de estereótipos

Esta marginalização chegou, conseqüentemente, ao ambiente de educação formal brasileiro: a escola. Antunes (2002, p. 35) discute em sua tese de doutorado, como a escola reforça a visão preconceituosa sobre os índios: “é lá que aprendemos a acreditar na existência de uma única categoria genérica, os índios, que são comumente lembrados no “Dia do Índio” e sempre integraram as primeiras páginas dos livros de História do Brasil - que falavam de 500 anos atrás - nas páginas seguintes, como num passe de mágica, eles desapareciam”.

Segundo Cunha (2008), até pouco tempo, nas escolas, apresentava-se uma visão dos índios pautada ainda nas imagens dos grupos Tupi à época da ocupação. Em algumas escolas, isto acontece ainda hoje, o que pode ser constatado ao pesquisar por “dia do índio escola” nas imagens no *Google* e ver as mais recentes.



Fonte: Imagens *Google*. Acesso em: 18 mar. 2018.

Pierre Bourdieu (1999) já analisava esta característica discriminatória da escola que, segundo ele, seria uma instituição de perpetuação das desigualdades sociais. Além do discurso promovido no dia do índio, os livros didáticos que circulam pelas escolas também tem sua contribuição para a má formação do imaginário público sobre os índios.

A dissertação de Grupieoni (1996, p. 427) traz justamente uma crítica a incongruência do discurso da escola com a forma como são pautados os povos indígenas nos livros didáticos:

“não é difícil encontrar nos livros didáticos afirmações [...] contra o racismo e o preconceito e, portanto, encorajando os alunos a terem uma visão de "respeito e tolerância com relação aos grupos etnicamente diversos". [...] A congruência de três raças - brancos, negros e índios - na formação do povo brasileiro é sempre lembrada. Mas uma leitura mais atenta desses manuais mostra as dificuldades em lidar com a existência de diferenças étnicas e sociais na sociedade brasileira atual. O que normalmente fazem é recalá-la para o passado (cf. Almeida, 1987, p.14).

A própria Base Nacional Comum prevê os possíveis equívocos a serem cometidos pela escola ao apropriar-se de temas como diversidade cultural, afirmando que “a inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil.” (BRASIL, 2016, p. 399)

4. Projeto Povos Indígenas: desmistificando os estereótipos

Com base na lei n. 11.645, o Projeto Povos Indígenas foi desenhado com o propósito de estimular alunos de Ensino Fundamental II (6º a 9º anos) a refletirem sobre a realidade dos povos indígenas para além daquilo que aprenderam nos livros de História, no qual ainda hoje a história é contada pelos vitoriosos.

Neste sentido, com o intuito de levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos, considerando que, segundo Paulo Freire (1988), é deste conhecimento que se fomenta todos os outros, a primeira atividade do projeto consistiu em uma cartolina onde estava escrita a palavra “*índio*” onde todos os alunos deveriam escrever ou desenhar as ideias, palavras e imagens que viessem à sua mente sobre o tema.

As associações que os alunos fizeram sobre o tema foram desenhos de pessoas de pele parda pouco vestidos, com cocar na cabeça e arco-e-flecha na mão. Foram também desenhadas ocas e ambientes semelhantes a florestas. Constataram-se estereótipos que já tinham sido previstos na elaboração da atividade e que constatarem o conhecimento limitado que, enquanto sociedade, temos sobre os povos indígenas. Para Antunes (2002, p. 266), “A leitura do mundo continua válida como estratégia pedagógica de uma educação libertadora na qual ler o mundo é condição necessária para sua transformação”.

A partir da constatação dos conhecimentos (e estereótipos) originais do aluno, promoveu-se o curso na perspectiva de ampliar o entendimento dos alunos sobre povos indígenas. Para isto, utilizou-se de dinâmicas lúdicas, leitura de crônicas e atividades envolvendo música, uma vez que por ser um tema distante da realidade do grupo em questão (nenhum deles se considerava índio ou tinha convivência com alguém que se considerava), teve-se a cautela de não deixá-los perder o interesse.

As primeiras atividades posteriores a esta constatação, se ativeram a desmistificar a ideia de “índio” como grupo único e homogêneo. O estudo se iniciou a partir da música de Antônio Nóbrega, “Chegança”, cuja primeira estrofe cita vários povos indígenas: “Sou Pataxó/ sou Xavante e Cariri/ Ianonami, sou Tupi/ Guarani, sou Carajá/ Sou Pancaruru/ Carijó, Tupinajé/ Potiguar, sou Caeté/ Ful-ni-o, Tupinambá” (NÓBREGA, 1998). Os alunos pesquisaram sobre as diversas tribos indígenas existentes, seus costumes, língua, região etc.

Posteriormente, buscou-se desmistificar a ideia de índio enquanto seres do século XVI, mostrando aos participantes do curso que os indígenas vivem e convivem na atualidade e, portanto, não o fazem tal qual o faziam há 500 anos. O que não significa que eles perderam seus costumes e tradições.

Localizar os indígenas no tempo atual foi essencial para que as crianças e adolescentes do curso abrissem a mente em relação aos desenhos que fizeram no primeiro encontro.

Nesta perspectiva, a partir do quarto encontro, começamos a discutir questões pertinentes aos indígenas da atualidade, trazendo notícias recentes e trabalhos junto com os participantes em uma perspectiva de Leitura Crítica da Mídia.



Notícia trabalhada com os participantes do curso. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=not%C3%ADcias+recentes+ind%C3%ADgenas&oq=not%C3%ADcias+&aqs=chrome.69i59j69i57j69i61j0l3.2600j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 21 mai. 2018



Notícia trabalhada com os participantes do curso. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/11836> Acesso em: 21 mai. 2018

Estas notícias ratificaram a ideia de que os índios estão presentes na contemporaneidade e tem necessidades atuais, que superam a perspectiva de serem conhecidos nas escolas enquanto um dos três grupos formadores do povo brasileiro.

Ao fim das discussões teóricas, nas quais os participantes do curso tiveram ampla participação, buscou-se torna-los ainda mais protagonistas de seu processo de aprendizagem: o projeto final do curso foi a produção de um vídeo, feito colaborativamente, com o intuito de pautar rapidamente todas as discussões que ocorreram ao longo dos quatro meses sobre povos indígenas.

A ideia era que os alunos e alunas produzirem o roteiro, fizessem as filmagens e editassem. Entretanto, por causa da estrutura da escola – que tem um laboratório de informática, mas não é utilizado – não foi possível que eles editassem o vídeo.

Uma vez que o grupo em questão não tinha experiência em produções audiovisuais, foram feitas algumas oficinas que os preparassem tecnicamente para a atividade.

Houve uma oficina sobre planos e composição de imagem; uma prática de filmagem e uma oficina de construção de roteiro. Foi perceptível que os momentos práticos do curso foram aqueles em que as crianças e adolescentes mais se envolveram, pois se viram como produtores de comunicação e conhecimento.



Oficina de construção de roteiro. Fonte: Autora.



Oficina de planos e composição de imagem. Fonte: Autora.



Prática de filmagem. Fonte: Autora.



Produção de conteúdo audiovisual. Fonte: Autora

A produção audiovisual dos alunos foi apresentada para a comunidade escolar no evento de final do ano da escola e os alunos foram parabenizados pela Secretaria de Educação da cidade de Campina Grande.

5. Conclusão e resultados

A partir desta pesquisa-ação, foi possível perceber a importância de questões culturais dentro das escolas. Como afirma Pierre Bourdieu, a escola é uma instituição na qual se perpetuam preconceitos e desigualdades (1999) apesar de sua filosofia inicial pregar exatamente o oposto.

Cabe aos educadores e todos os profissionais ligados à educação, pautar assuntos plausíveis como cultura e resistência indígena em seu cotidiano escolar.

Os preconceitos e estereótipos constatados em crianças e adolescentes (de 13 a 18 anos) seriam proliferados e se tornariam cada vez mais arraigados à sociedade, caso não houvesse uma reflexão sobre o tema.

Percebeu-se também, que a explanação teórica não tem tanto impacto quanto a vivência real e significativa. O que faltou no curso Povos Indígenas foi interação com as pessoas que melhor têm posição de fala neste assunto, aqueles que se identificam enquanto indígena, o que não ocorreu pela impossibilidade de transporte dos alunos ao local ou dos indígenas às escolas.

Além disso, para a parte prática do curso, contamos com alguns empecilhos relativos à estrutura da escola: como já citado anteriormente, a escola não tinha um laboratório de informática disponível para a etapa de edição dos vídeos; os *tablets* utilizados para as filmagens tinham imagens de péssima qualidade, o que frustrava os alunos. Por outro lado, as gestoras da escola foram bastante solícitas em relação a materiais como cartolinas e lápis e na disponibilização de uma sala na qual ocorreram os encontros.

É importante que este projeto não seja pontual e atinja apenas uma quantidade mínima de alunos que se disponham a ir à escola no contra turno, mas que temas urgentes como o de Povos Indígenas na atualidade sejam presentes em sala de aula no cotidiano dos alunos. Pois de nada adianta educar para a cidadania se não se educa pela cidadania.

Referências

- ANTUNES, Ângela (2002). **Leitura do mundo no contexto da planetarização:** Por uma Pedagogia da Sustentabilidade. 2002. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/123456789/137/1/FPF_PTPF_17_0062.pdf Acesso em: 16 mai. 2018
- ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia; PEREIRA, Maria. **Gênero e diversidade na escola:** Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In.: CATANI, Maria Alice; NOGUEIRA, Afrânio. **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em: 18 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> Acesso em: 18 abr. 2018.
- CUNHA, M. C. (org.) **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.
- GRUPIONI, Luis. **Imagens Contraditórias e Fragmentadas:** sobre o Lugar dos índios nos Livros Didáticos. 1996: Brasília, v.77. n. 186. p. 409-437, maio/ago. Disponível em: <file:///C:/Users/DOM%C3%89STICO/Downloads/1088-1145-1-PB.pdf> Acesso em: 22 mai. 2018
- HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo, Brasiliense, 1983.
- NÓBREGA, Antônio. **Chegança.** 1999. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/antonio-nobrega/68957/> Acesso em: 21 mai. 2018
- TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento.** Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1994.